

SUBMISSÃO AO ORIENTALISMO

SUBMISSÃO

de Michel Houellebecq (Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, 256 p.)

resenha de Danilo Guiral Bassi¹

Na manhã do dia 7 de janeiro de 2015, no escritório do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, iniciavam-se os trabalhos para a elaboração do número seguinte. A última edição que havia sido enviada na noite anterior às bancas de jornal do país levava na capa uma referência ao livro de Michel Houellebecq que seria lançado, com grande alarde, naquele mesmo dia: uma ilustração com uma versão decadente do escritor e o texto “As previsões do mago Houellebecq: ‘em 2015, perderei os dentes, em 2022, comemorarei o Ramadã”.

A “previsão” da capa era, na realidade, o enredo de *Submissão*, já amplamente divulgado pelo autor na mídia: no ano de 2022, um segundo turno presidencial entre a Frente Nacional, principal partido da direita nacionalista francesa, e uma fictícia Irmandade Muçulmana termina com a vitória deste último, apoiado pelos partidos tradicionais de direita (UMP), centro (MoDem) e esquerda (PS) do país. Em pouco tempo de governo do presidente Mohammed Ben Abbas, a França tem seu regime político modificado, com a submissão do Estado francês à fé muçulmana – lembrando que “islã” significa, em árabe, “submissão”, daí o título.

Às 11h30 daquele dia, os irmãos Kouachi adentraram o prédio onde estava a equipe do *Charlie Hebdo*, conseguiram furar as barreiras de segurança e eliminaram a tiros a maior parte dos cartunistas do polêmico jornal. Houellebecq, amigo pessoal de um dos jornalistas mortos no massacre, o economista Bernard Maris, posterga o lançamento de *Submissão* por 20 dias, mas antes mesmo de seu lançamento, o livro já despertava uma grande polêmica.

¹ Bacharel em relações internacionais pela Universidade de São Paulo e mestrando do Programa de História Social da mesma universidade. Pesquisa a história das ideologias e questões israelo-palestinas.

Ali Baddou, apresentador e professor de filosofia franco-marroquino, especialista em questões de discriminação, disse, em TV aberta, ter sentido vontade de vomitar ao ler o romance, ofendendo-se com a “islamofobia instalada e diluída no livro”². E foi essa a crítica central quanto ao fundo³ do livro de Houellebecq: um romance que reflete, através das entrelinhas e de estereótipos, a islamofobia crescente de setores conservadores da sociedade francesa.

Submissão, cujo protagonista repete uma série de chavões da mídia conservadora francesa (“petromonarquias”, “petrodólares”, “terceiro-mundismo”...), narra as etapas de uma fictícia Irmandade Muçulmana francesa conseguindo, num curto intervalo de tempo, virar o Estado laico francês do avesso, entregando a pública e laica Universidade de Paris 3 – Sorbonne Nouvelle aos sauditas, proibindo o trabalho feminino e, mais do que implantando, estimulando a poligamia. Apesar disso, Michel Houellebecq descreveu o partido que ele criou em seu romance, em entrevistas, se existisse e se implantasse aquelas mudanças, como pertencente a um islã moderado⁴. Desse modo, disse, nas entrelinhas, por exemplo, que um islã “verdadeiro” ou mais aprofundado iria muito mais longe que “apenas” abalar os valores centrais da república francesa.

Ao longo do romance, os personagens vão desenhando um panorama político da França, antes das eleições presidenciais de 2022, que se enquadra, em maior ou menor grau, nas opiniões pessoais do autor demonstradas em entrevistas. Falam do sistema político francês como os “últimos resíduos de uma social-democracia agonizante”⁵, da “divisão do poder entre duas gangues rivais”⁶ ou ainda do “espetáculo vergonhoso [...] da reeleição [em 2017] de um presidente de esquerda num país cada vez mais de direita”⁷ e dos “dois calamitosos mandatos [do Partido Socialista], de cinco anos cada um, devendo

² “Ali Baddou sur ‘Soumission’ de Michel Houellebecq: ‘Ce livre m’a foutu la gerbe” in: *Le Huffington Post*, 6 jan. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.fr/2015/01/06/ali-baddou-soumission-michel-houellebecq-livre-culture-video_n_6421476.html>. Acesso em: 28 ago. 2015.

³ Michel Houellebecq é muito frequentemente criticado por seu estilo – ou ainda por sua falta de estilo. Embora concordemos que seja um livro pouco atrativo no estilo, ao menos para um olhar leigo, optamos, aqui, por não nos ater à crítica ou análise da forma, priorizando, assim, o fundo.

⁴ “Michel Houellebecq au 20h de France 2: Marine Le Pen n’a pas besoin de ‘Soumission’, ‘cela marche déjà assez bien pour elle””. In: *Le Huffington Post*, 6 jan. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.fr/2015/01/06/michel-houellebecq-20h-france-2-soumission-david-pujadas_n_6424346.html>. Acesso em: 28 ago. 2015

⁵ HOUELLEBECQ, Michel. *Submissão*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 12

⁶ *Ibidem*, p. 42

⁷ *Ibidem*, p. 42

sua reeleição apenas à estratégia lamentável que consistiu em favorecer a ascensão da Frente Nacional”⁸.

Em uma entrevista, em agosto de 2014, Houellebecq disse ver “interesse” do Partido Socialista em “satanizar a Frente Nacional”: segundo ele, quanto mais ela cresce, mais seus opositores se fortaleceriam⁹. Mais uma vez, percebe-se que a mais recente ficção de Houellebecq não é politicamente desinteressada. É importante ressaltar que o livro de Houellebecq não está desligado da percepção política do autor. Em 2001, anos antes do lançamento de *Submissão*, ele havia declarado que

A religião mais estúpida, diga-se, é o islã. [...] O islã é uma religião perigosa, e isso desde seu surgimento. [...] A leitura do Corão é uma coisa nojenta. Desde que o islã nasceu, ele demonstra sua vontade de submeter o mundo. Sua natureza é de submeter. É uma religião belicosa, intolerante, que torna as pessoas infelizes.¹⁰

Em outras entrevistas, Michel Houellebecq já vinha demonstrando, ainda, seu desconforto com as demandas dos muçulmanos dentro da sociedade francesa: “Há um crescimento reivindicativo por parte dos muçulmanos há alguns anos, não se pode negar [...], [como a demanda do direito ao] porte do véu integral”¹¹. Quanto a isso, em *Submissão*, um trecho que passa despercebido pela maioria dos leitores brasileiros (mas certamente não pelos franceses) narra o momento em que François, o protagonista do enredo e professor na Sorbonne, descreve que, ao entrar na sala de aula, antes mesmo das eleições presidenciais, vê alunas de burca no auditório. Hoje, entretanto, é legalmente proibido o porte de burca na França, sobretudo em uma universidade pública¹². Em 2022, o Estado francês, mesmo antes da eleição de um presidente muçulmano, já teria, assim, cedido a essa demanda. Além disso, a França de 2022 imaginada por Houellebecq teria também cedido a políticas anti-israelenses e anti-judaicas¹³.

⁸ *Ibidem*, p. 95

⁹ “Michel Houellebecq : "Taubira ? C'est la plus efficace pour faire monter le Front national". In: *Atlantico*, 26 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.atlantico.fr/pepites/michel-houellebecq-taubira-c-est-plus-efficace-pour-faire-monter-front-national-1721402.html>>

¹⁰ “Houellebecq et *Plateforme* : «La religion la plus con, c'est quand même l'islam»” in: *Le Figaro*, 30 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/livres/2014/12/30/03005-20141230ARTFIG00159-houellebecq-et-plateforme-la-religion-la-plus-con-c-est-quand-meme-l-islam.php>>. Acesso em: 28 ago. 2015

¹¹ “Michel Houellebecq dénonce l'attitude 'collaborationniste' des écologistes face à l'Islam”. Disponível em: http://www.dailymotion.com/video/xhz580_michel-houellebecq-denonce-l-attitude-collaborationniste-des-ecologistes-face-a-l-islam_news. Acesso em: 28 ago. 2015

¹² HOUELLEBECQ, *op. cit.*, p. 27

¹³ *Ibidem*, p. 27

Em uma entrevista dada em Tel Aviv, em 2011, numa espécie de Lei de Godwin¹⁴, Houellebecq fez uma referência a um dos períodos mais traumáticos da história francesa contemporânea (a ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial e a instalação do regime colaboracionista de Vichy) para definir setores da política francesa que estariam, de alguma forma, cedendo às demandas dos muçulmanos, inclusive às supostas demandas antissemitas:

É preciso dizer que há pessoas com uma natureza colaboracionista, e os ambientalistas representam o caso mais flagrante [...] Eles se incomodam um pouco com essa história do véu porque eles têm uma onda meio feminista, então eles não podem satisfazer os muçulmanos em tudo, então eles os satisfazem pelo menos no caso de Israel, deixando os judeus pra lá. Comportamento de colaboracionista.¹⁵

Em outro trecho do romance, a namorada do protagonista, judia, foge (não se trata de uma simples mudança planejada) com sua família para Israel, antes mesmo do segundo turno das eleições¹⁶. Afinal, segundo um diálogo de *Submissão*, “o verdadeiro inimigo dos muçulmanos, aquele que temem e odeiam acima de tudo não é catolicismo: é o secularismo, a laicidade, o materialismo ateu”¹⁷, mas, “no caso dos judeus, obviamente, é um pouco mais complicado”¹⁸.

No livro, o candidato da Fraternidade Muçulmana e depois presidente eleito, Mohammed Ben Abbes, é desenhado como um personagem calculista e dissimulado, capaz de, estratégica e sorrateiramente, convencer a população de que grandes mudanças nos valores republicanos franceses (como a laicidade) não são algo “verdadeiramente novo”¹⁹.

Ben Abbes surge como aquele que percebe que “quem controla as crianças, controla o futuro”²⁰, como aquele que despolitiza a política pois se dá conta que “as eleições não se disputariam no terreno da economia, e sim no dos valores”²¹; é ainda desenhado como um megalomaníaco com o objetivo de recriar uma espécie de versão muçulmana do *Mare Nostrum*, o Mediterrâneo sob domínio do Império Romano:

¹⁴ Segundo a Lei de Godwin, quanto mais uma discussão cresce, mais a probabilidade da comparação com o nazismo se aproxima de 100%.

¹⁵ “Michel Houellebecq dénonce l’attitude ‘collaborationniste’ des écologistes face à l’Islam”. Disponível em: http://www.dailymotion.com/video/xhz580_michel-houellebecq-denonce-l-attitude-collaborationniste-des-ecologistes-face-a-l-islam_news. Acesso em: 28 ago. 2015.

¹⁶ HOUELLEBECQ, *op. cit.* p. 85

¹⁷ *Ibidem*, p. 129-130

¹⁸ *Ibidem*, p. 130

¹⁹ *Ibidem*, p. 90-91

²⁰ *Ibidem*, p. 68

²¹ *Ibidem*, p. 127

sua grande referência, que salta aos olhos, é o Império romano, e a consolidação europeia é para ele apenas um meio de realizar essa ambição milenar. O principal eixo de sua política externa será deslocar para o Sul o centro de gravidade da Europa [...]. Os primeiros países capazes de se agregar à essa construção europeia serão, com certeza, Turquia e Marrocos; depois virão Tunísia e Argélia. A mais longo prazo, há o Egito [...]²²

Chegaria, certamente, ainda o momento da “eleição pelo sufrágio universal de um presidente europeu”²³. Logo após sua eleição, são narradas as conquistas de Ben Abbes nesse sentido, que dobra a União Europeia, facilitando o processo de negociação para a entrada desses países²⁴, e ampliando aquelas para o ingresso do Líbano²⁵, Líbia e Síria²⁶, chegando ainda o governo a propor a transferência da Comissão Europeia para Roma e do Parlamento Europeu para Atenas²⁷.

Pouco a pouco, o “efeito Ben Abbes” teria ainda reflexos nos demais países europeus: no romance, o Partido Muçulmano da Bélgica chega ao poder e partidos muçulmanos integram coligações nos governos da Inglaterra, da Holanda e da Alemanha²⁸.

Em suma, Ben Abbes é criado pela pena de Houellebecq como aquele que, pouco tempo antes de ser eleito presidente da república, era um notório antissemita²⁹, mas que, sendo eleito em 2022, foi capaz de 1) reunir uma “frente ampla republicana”³⁰ dos três principais partidos franceses do centro do espectro político (PS, UMP e MoDem), aqueles que na realidade teriam como “agenda [...] o desaparecimento da França, sua integração num conjunto federal europeu”³¹; 2) destroçar num passe de mágica o valor republicano francês de laicidade; 3) “contaminar” a política interna dos demais países europeus; 4) privatizar o ensino público do país, que hoje abriga a maioria absoluta dos estudantes franceses; 5) proibir o trabalho feminino³²; 6) implodir o “sistema [político] de oposição binário centro-esquerda/centro-direita”³³; 7) mudar a base do sistema

²² *Ibidem*, p. 131

²³ *Idem*

²⁴ *Ibidem*, p. 166

²⁵ *Ibidem*, p. 177

²⁶ *Ibidem*, p. 242

²⁷ *Idem*

²⁸ *Ibidem*, p. 233

²⁹ *Ibidem*, p. 42

³⁰ *Ibidem*, p. 125

³¹ *Ibidem*, p. 121

³² *Ibidem*, p. 166

³³ *Ibidem*, p. 167

econômico do país, através do “distributivismo” e do retorno ao artesanato³⁴; 8) modificar em menos de um mandato as bases da União Europeia (organização em construção há décadas e que historicamente sempre passou por modificações após longos, negociados e conservadores processos) e manipular seus organismos e os demais governantes do bloco, permitindo a “invasão” de países e populações muçulmanos; 9) integrar a França em movimentos políticos com governantes da Península Arábica³⁵; 10) mudar até os pratos servidos nas recepções da Sorbonne, que passa a servir aos seus convidados, cada mais em trajes típicos do Oriente Médio³⁶, quase que exclusivamente itens da gastronomia libanesa.

Não nos surpreende que a demonstração de um suposto perigo muçulmano, em gestação de forma eminente na França, revelado por Houellebecq tenha sido aplaudida pelos membros da extrema-direita francesa. Esta, historicamente racista, está atualmente buscando se repaginar – com uma mulher como presidente e um homossexual como vice, e expulsando seu fundador, Jean-Marie Le Pen, conhecido por suas declarações homofóbicas e antisemitas³⁷–, mas mantém-se como defensora da “França verdadeira”, que exclui, de fato, os muçulmanos (migrantes ou de nacionalidade francesa) da essência do país.

Florian Philippot, vice-presidente da Frente Nacional, anunciou acreditar, por exemplo, na verossimilhança do cenário desenhado no livro, da chegada de um presidente islamista ao poder em breve na França, caso continue a (suposta) “deriva comunitária”³⁸. A presidente da Frente Nacional tem uma leitura semelhante. Segundo ela, se trata de uma “ficção que poderia um dia se tornar realidade” e que “vai ao encontro do que se constata em um certo número de municipalidades, de departamentos, onde manifestamente o fundamentalismo islâmico avança com o acordo

³⁴ *Ibidem*, p. 169

³⁵ *Ibidem*, p. 201-203

³⁶ *Ibidem*, p. 200

³⁷ A Frente Nacional estaria integrando, assim, o dito homonacionalismo, a apropriação e instrumentalização da luta pelos direitos LGBT como forma de opor o Ocidente aos “bárbaros muçulmanos”.

³⁸ “Philippot: ‘Un président islamiste, ça peut arriver’”, in: *Le Figaro*, 6 jan. 2015. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/x2e4cc2_philippot-un-president-islamiste-ca-peut-arriver_news>. Acesso em: 28 ago. 2015

e mesmo com a cumplicidade da UMP [União por um Movimento Popular, atual partido Os Republicanos] e do PS [Partido Socialista]"³⁹.

Edward Said, em seu livro *Orientalismo* e, posteriormente, em *Cultura e Imperialismo*, buscou provar que, na literatura ocidental, se criou um discurso sobre o Outro, notadamente sobre os árabes e os muçulmanos, descrevendo-os, entre outras coisas, como mentirosos, propícios ao despotismo, aos subterfúgios e ao atraso⁴⁰. Impossível não enxergar, aí, o habilidoso – e perigoso – Ben Abbas. Segundo Said, o orientalismo é útil para a definição em oposição ao Outro. Definindo um Oriente, oposto a si, é que o Ocidente construiria sua própria imagem. O islã, como elemento do Oriente e inescapavelmente pertencente ao “lado de lá”, seria uma “epítome do estranho contra o qual foi fundada toda a civilização europeia, da Idade Média em diante”⁴¹. Ben Abbas, o personagem muçulmano e de origem árabe é, assim, no romance de Houellebecq, aquele capaz de destruir a civilização europeia, integrando-a e fundindo-a ao caótico e perigoso “lado de lá” do Mediterrâneo.

O jornalista e crítico literário Jérôme Dupuis talvez seja aquele que tenha melhor definido o livro de Houellebecq: além de inverossímil, não tem nada de visionário; é apenas “uma sucessão de falsas provocações”⁴².

Ao final do romance, para retomar sua carreira na Sorbonne dominada pelos sauditas, o protagonista, François, opta pela “submissão absoluta”⁴³: se converte ao islã – e Ben Abbas, de forma fulminante, submete simbolicamente a França e a Europa ao islã. Porém, a submissão que nos parece mais gritante, fora do enredo, é outra: a de Houellebecq aos mais rasos preconceitos e a de seus defensores ao falso argumento de neutralidade da ficção. Fazendo-se passar por um romance desinteressado politicamente, batendo recorde de vendas na Europa e saudado como um livro capaz de

³⁹ “Pour le FN, la fiction de Houellebecq ‘pourrait devenir réalité’”. In: *Le Figaro*, 6 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/citations/2015/01/06/25002-20150106ARTFIG00122-pour-le-fn-la-fiction-de-houellebecq-pourrait-devenir-realite.php>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 279.

⁴¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 112.

⁴² “Soumission de Houellebecq: Big Brother revu par Guignol” in: *L'Express*, 7 jan. 2015. Disponível em: <http://www.lexpress.fr/culture/livre/soumission-de-houellebecq-big-brother-revu-par-guignol_1637879.html>. Acesso em: 28 ago. 2015

⁴³ HOUELLEBECQ, *op. cit.*, p. 219

tocar “as angústias ocidentais”⁴⁴, *Submissão* mostrou que a Europa está mesmo submetida: ao orientalismo.

⁴⁴ “Houellebecq, superstar des ventes en Europe avec ‘Soumission’” in: *Le Parisien*, 10 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/flash-actualite-culture/houellebecq-numero-un-des-ventes-en-france-allemande-et-italie-10-02-2015-4522009.php#xtref=https%3A%2F%2Fwww.google.com.br%2F>>. Acesso em: 28 ago. 2015